

A SINGULARIDADE DA PESQUISA UNIVERSITÁRIA EM LETRA(S): QUESTÃO E TRANSMISSÃO.

CLAUDIA ROSA RIOLFI*
(Universidade Federal de São Carlos)

«Nem Corcovados, nem Himalaias valem muita cousa ao pé da tua cabeça, que os mede. Cá estamos. Olha bem que é a cabeça do cônego. Temos à escolha um ou outro dos hemisférios cerebrais; mas vamos por este, que é onde nascem os substantivos. Os adjetivos nascem no da esquerda. Descoberta minha que, ainda assim, não é a principal, mas a base dela, como se vai ver. Sim, meu senhor, os adjetivos nascem de um lado, e os substantivos de outro, e toda sorte de vocábulos está assim dividida por motivo da diferença sexual...

- Sexual?

Sim, minha senhora, sexual. As palavras têm sexo. Estou acabando a minha grande memória psicolexicológica, em que exponho e demonstro esta descoberta. Palavra tem sexo.

- Mas, então, amam-se umas às outras?

Amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos estilo. » (Machado de Assis, 1992:571)¹

1 - INTRODUÇÃO

As considerações que se seguem são fruto de um trabalho prévio. Trata-se de minha tese de doutoramento em Lingüística,² na qual investiguei o discurso que sustenta a prática pedagógica. A novidade que este artigo pode acrescentar para o leitor que leu a tese que lhe deu origem é que, no presente momento, procuro articular a dimensão da letra (compreendida como sendo do registro do real) com a formação do pesquisador que se faz no interior da universidade, ou seja, a aposta é na possibilidade de pontuar aspectos da transmissão (inconsciente), articulando-os com o advir do estilo, da singularidade.

* Pesquisadora do Projeto *Língua Materna em Instância Paterna*, sob a coordenação de Nina Leite.

¹ MACHADO DE ASSIS - O Cônego ou a metafísica do estilo. In : *Machado de Assis. Obra completa em três volumes*. Rio de Janeiro : Editora Nova Aguilar, 1992. pp. 570-573.

² RIOLFI, C.R.- *O Discurso que sustenta a prática pedagógica*. Formação de professor de língua materna. Iel, Unicamp, 1999. Agradeço mais, ainda, a preci(o)sa orientação da Prof^a. Dr.^a Nina Virgínia de Araújo Leite.

Importa, então, a dimensão de um trilhamento subjetivo que remete para a construção (da pesquisa). De fato, tomada no registro da arquitetura, a palavra *construção* é uma boa metáfora, e mesmo, pode ser o nome da metáfora: uma palavra sobre outra.³ A palavra que sai da boca da nova geração acrescentando um novo andar da carruagem. Singular, neste sentido, para arriscar de início algum tipo de formulação, é o olhar que se faz dizer, olhar que demanda escrita, na qual o singular da mão esmaga o universal ao traçar a cursiva.⁴ Chega-se, então, a algo construído à maneira como a lenda conta ter sido dito pelo astronauta que pisou pela primeira vez na lua: « *We have seen so far because we have stood on the shoulders of giants.* ».⁵

No prefácio que escreveu para um livro de Maud Mannoni, Dolto (1965)⁶ registra um provérbio exemplar no que ele revela o processo e captura do sujeito pelo simbólico. Ela diz que em relação a todos os casos clínicos descritos no livro de Mannoni, uma afirmação adquire um caráter de universalidade: « *Les parents ont mangé les raisins verts et les enfants en eurent les dents agacés.* » (Dolto, F., 1965 :36).⁷

Entre-passagens, o tropeço, o faltoso da língua que deixa entrever que nos sulcos da língua escorre não só tinta, como também gozo, índice de divisão subjetiva. Pela surpresa que porta, o gozo desconcerta o sujeito pois revela a presença da ordem desejante e o força a dizer outra coisa além daquela implicada na intenção manifesta. É justamente nesta Coisa Outra que estou situando a invenção, o nome próprio da singularidade.

Nesse processo, para Lacan (1956), há um revezamento dos sujeitos relativamente ao lugar que vêm ocupar em relação ao significante, que é o centro em torno do qual há o deslocamento. Ou seja, ao falar de simbólico, é possível mudar de lugar, as posições não são fixas em si, mas referidas a algo de fixo: à letra, algo que funciona no registro da escrita e que é « *valables pour les molécules dont mes descendants se feront sujet sans que j'aie jamais eu à savoir comment je leur transmettrai ce qui rendait vraisemblable que moi je les classe parmi les êtres vivants.* » (Lacan, 1971 :126).⁸

O importante a destacar nesse momento, para o fio de continuidade deste trabalho, é que em 1960-61, Lacan afirma que aquilo que nos eleva à condição humana - é a **pergunta** lançada por nós ao *Outro* - na ilusão de que estamos falando apenas ao nosso semelhante - sobre o que ele pode nos dar e o que tem para nos responder. O importante é que ao deparar-se com o fato de que ao *Outro* falta (~~A~~), permite que se recorte no

³ Cf. Jakobson (1966) e Lacan (1957) para melhor situar uma abordagem lingüística e psicanalítica, respectivamente, sobre a metonímia e a metáfora.

⁴ Cf. Lacan em 12/05/1971.

⁵ « *Se nós podemos ter enxergado tão longe, isso é porque nós escalamos o ombro de gigantes.* ». A tradução livre é minha.

⁶ DOLTO, F.- Préface. In : MANONNI, M.- *Le premier rendez-vous avec le psychanalyste*. Paris : Éditions Denoël/Gonthier, 1965. Pp. 5-49.

⁷ « *Os pais comeram as uvas verdes e os filhos ficaram com a irritação nos dentes.* ». A tradução é minha.

⁸ « *válidas para as moléculas nas quais meus descendentes se farão sujeito sem que jamais eu tenha sabido como eu transmiti isso que tornava verossímil que eu, eu os classifico entre os seres vivos.* ». A tradução é minha.

campo deste Outro um lugar vazio (- ϕ)⁹ que, uma vez circunscrito, permite que algo se positivise do lado do sujeito, uma fala, quiçá, uma pesquisa singular.

2 - A QUESTÃO DA SINGULARIDADE NA PRODUÇÃO DA QUESTÃO DE/EM CLÁUDIO¹⁰

«Ela se coloca a questão, porque a linguagem já existe, e não se passa a vida apenas fazendo amor, mas também papeando com as irmãs. » (Lacan, 19/04/1961 :241)

As observações que se seguem centrar-se-ão sobre um aspecto específico do material cedido por um informante. A opção pelo estudo de caso foi feita dado o compartilhamento da posição de Regnault, quando afirma que *« La psychanalyse, par sa dialectique du cas clinique, est donc le champ dans lequel le singulier et l'universel coïncident sans passer par le particulier. »* (Regnault, F, 1997 :6).¹¹

Trata-se de uma questão de escrita. Foi para olhá-la mais de perto que trabalhei com rascunhos que restaram da elaboração de trabalho monográficos. Retomo, então, entre os dois casos tratados na tese, aquele que permite dar a ver um momento bastante inicial da formação de um pesquisador. A escolha por mostrar um trajeto de pesquisa bastante inicial colocou-se, entre outros motivos, para que se possa ver que não estou localizando a singularidade no nível de um nome de autor já constituído, mas sim numa certa operação que, promovendo um certo distanciamento do sujeito da linguagem com a qual ele se confunde, o coloca em condições de trilhar seus passos nesta direção, caso assim o queira. A operação da qual trato é justamente da inscrição da questão e das conseqüências daí advindas.

Cláudio, que sempre me chamou atenção de maneira diferenciada entre o contingente de alunos, dadas as inúmeras qualidades por mim atribuídas a ele, comparece no momento de realização da pesquisa já na qualidade de exceção : entre todos os sujeitos que me cederam seu material de rascunho (que somam cerca de cinquenta, se considerarmos alguns « dossiês » parciais), ele é o único que organizou seu material por si próprio. Em vez de me entregar as habituais mil e uma folhas soltas para

⁹ (- ϕ), escrita usada por Lacan para referir-se ao falo imaginário, aponta para aquilo que o sujeito supõe ser uma falta no corpo do Outro, ou seja, aponta para a castração do Outro, cujo campo é de algum modo vivido como sendo inconsistente. Ao perceber esta falta é que ele, em um primeiro tempo, propõe-se como o objeto que poderia vir a suprir esta falta experienciada no Outro, ou seja, o sujeito propõe-se como o pequeno *a* que poderia supostamente vir fazer rolha a esta falta, do que se percebe a importância de que aquilo que falta permaneça enigmático, um *x* - para que esta operação malogre e o sujeito possa sustentar o desejo.

¹⁰ Escolhi manter seu prenome para colocar em relevo a coincidência, quebrada apenas por uma letra, com o meu prenome. Tal cuidado se deve ao fato de que me parece impossível que esta coincidência possa ser indiferente quanto aos efeitos em relação à condução do trabalho pedagógico. Cláudio e Cláudia poderia dar o exemplo de uma conjunção, mas como não ver que o *o* e o *a* fazem um mundo de diferença ?

¹¹ *« A psicanálise, dado sua dialética do caso clínico, é, portanto, o campo no qual o singular e o universal coincidem sem passar pelo particular. »* (A tradução é minha)

que eu providenciasse cópias, seu material me foi ofertado xerocado por ele mesmo (que, inclusive, foi quem pagou pelas cópias). Rascunhos e demais anotações foram intercalados com páginas datilografadas (que cumprem a função de organizar o dossiê) para as quais foi escolhido até um papel rigorosamente do mesmo tamanho do das cópias xerox. O conjunto todo foi colocado em uma grande pasta, preso com um gancho adequado ao grande volume de papel (cerca de 130 páginas, incluindo os anexos). Há ainda o cuidado de ter feito uma folha de rosto para o conjunto, na qual foi datilografado o título final da sua monografia, seu nome completo, série e um sumário daquilo que a pasta contém.

Entretanto, é fora dessa pasta, no corpo de um comentário que solicitei de todos os alunos a propósito do ano letivo, que ele trará uma queixa que me chama bastante a atenção. Comentando sobre o sucesso e insucesso de seu trabalho durante o ano, ele dirá duas coisas que, a meu ver, apontam para uma mesma direção. A primeira delas é que julga ter tido sucesso, conforme já o havia dito em outro escrito no qual dirigiu seus elogios e críticas a sua professora. A segunda é que ele não conseguiu, quando a ocasião para isso se apresentou, mostrar seu trabalho para outras pessoas além de seus colegas de classe - coisa que fez, assim como todos os alunos, por obrigação de nota a ser atribuída pela apresentação de seminário. Como exemplo dessa dificuldade, trará o fato de ter se negado a apresentar trabalho em um evento interno da universidade - que recebeu o sugestivo nome de DIGA (Divulgação Interna dos Graduandos Ativos)¹² idealizado e organizado pelos alunos, para que, aqueles que assim o desejassem, pudessem apresentar, longe das restrições de apresentação de avaliação para nota, o resultado de suas pesquisas para os demais interessados.

Cumpre salientar a relativa facilidade para a realização de tal apresentação, uma vez que, para se inscrever, bastava incluir-se previamente, mediante a entrega de um resumo para compor caderno a ser distribuído para todos os inscritos na sala do centro acadêmico, localizada a poucos passos de sua sala de aula. Ao assistir à apresentação dos trabalhos, tive um estranhamento de que Cláudio, considerado por mim como um bom aluno, não estivesse lá. Entretanto, só percebi o quanto ele se incomodou com esse silêncio ao me deparar, na sua pasta, com o xerox de uma ficha de inscrição para o DIGA, no qual se salienta o em branco da folha vazia, no lugar onde se esperaria - já que a ficha foi colocada por ele em sua pasta como sendo um documento de seu processo de escrita - encontrar o resumo que permitiria falar, no DIGA, o seu trabalho. Esse incômodo ficou também registrado por uma escrita sua : ao lado do local onde ele deveria simplesmente ter marcado com um « X » um « não » como resposta a « *vai apresentar trabalho ?* », ele escreve em um parêntese acrescentado de próprio punho, a palavra « OUVINTE ». Talvez por isso mesmo, por se conceber como *ouvinte*, a palavra que vem do professor seja, em seu texto, tão presente, numa espécie de zig-zag no movimento da escrita do texto, em seus diversos rascunhos que se amoldam gradativamente a sucessivas observações de sua professora.

Casado, pai de família, 27 anos na época. No momento da realização da pesquisa, aluno do primeiro ano do curso de Letras noturno. Trabalhava em período integral (oito

¹² Esse nome foi pensado pelos alunos para mostrar a relação de filiação do DIGA com o FALE (Fórum Acadêmico de Letras) que, na época, já tinha se tornado um evento nacional dos estudantes de Letras.

horas diárias) em uma profissão de nível técnico, completamente diversa daquela do magistério. Com sua renda, que na época declarou ser de quatro a seis salários mínimos, sustentava sua família. Nas horas vagas, que evidentemente eram poucas, tocava num instrumento - com bela voz - músicas e letras que compunha. Veio procurar o curso de Letras por supor que encontraria aí *alimento* (em suas palavras, *conhecimento maior sobre o mundo*) para trabalhar melhor nesse seu gosto com a ordem do languageiro, pois, escrever letras para serem cantadas era seu principal interesse. Quanto à profissão em si, estava consciente, esta sua graduação não lhe renderia nenhum tipo de ascensão profissional.

Durante todo o ano letivo, mostrou-se assíduo, pontual, atento e participante. O suficiente para ser afetado pelo curso, já que, num anexo não demandado na última das escritas que me dedicou, referindo-se ao processo de orientação da monografia que escreveu durante o ano letivo, declarou : « *Depois de tantas críticas e elogios recebidos, chegou a minha vez.* (Seguem-se vários elogios à minha atuação profissional) *Eu optei pelo curso de Letras para ter um conhecimento maior sobre o mundo : a escrita, pois como sabes, gosto de música e teimo um dia em ser quem sabe um ' bom' compositor. Esse motivo me levou a escolher o curso de Letras, mas quando vejo o empenho de professores como tu, um outro desejo começa a despertar dentro de mim : o de quem sabe um dia conhecer a 'arte' de ser um bom professor.* » (o negrito é do texto original.).

Se, por um lado, seu texto deixa claro que a mudança percebida relaciona-se com uma certa identificação a sua professora ; por outro lado, tal « clareza » contrastou com um abismo que se abriu no momento da escrita da tese e nunca mais se fechou: por que esse homem, no momento em que toma a palavra « *chegou a minha vez* » (*de te fazer críticas e elogios, coisas que você sempre fez*) vem me falar de desejo « *um outro desejo começa a despertar dentro de mim* »? Ainda mais, porque esse que procurou o curso de Letras porque tinha uma ligação prévia com as artes (no caso específico, com a poesia e a música), escolhe justamente a palavra « *arte* » para qualificar o trabalho daquele que ele julga ser um « *bom professor* » ? Não se trata de um certo reconhecimento de que, para poder « *despertar* » um desejo que se enganche na prática profissional na qual o sujeito está sendo formado, algo de um estilo (um certo modo próprio de *casar as palavras* no texto da aula) precisa ocupar o proscênio ? Além disso, não se trata ainda de um « *eu me dirijo a você pois tu sabes... de mim* » (« *como sabes, gosto de música e teimo um dia em ser...* » ?

Teimo um dia em ser... Nas reticências que surgem na insistência da repetição que a « *teimosia* » relança, parece estar a chave : de teimosia em teimosia, de deslizamento em deslizamento (metonímico), *Teimo um dia em ser...* singular, sem-lugar, ou, simplesmente, sujeito. Eis o resumo do percurso de um ano letivo traçado por Cláudio, percurso este que é necessário olhar um pouco mais de perto na tentativa de tracejar um pouco a origem do advento desse desejo de ensinar.

Necessário lembrar, neste momento, então, que seguindo os ensinamentos de Lacan, o desejo no humano não se aproxima a nada que seja da ordem de um natural, por estar na estrita dependência da linguagem. É necessário precisar, então, aquilo que está implicado nesta *estrita dependência*. Num apontamento da lição de 22/03/1961

pode vir em nosso auxílio. Lacan pontua, nesse Seminário, que o desejo mantém seu lugar à margem da demanda como tal, dado que toda demanda comporta um mais além, qual seja, sua visada de amor, e um mais alguém, qual seja, o desejo, articulado em torno de um buraco que é o objeto *a*.

Qual o motivo, então, de que possa haver buraco? De fato, conforme especificado na lição de 19/04/1961, tal falta relaciona-se com uma falta de significante, em cujo lugar produz-se o símbolo ϕ . Não implica aí, entretanto, que haja um significante que falta nesta ou naquela língua em especial, pois, ao contrário disto, sabe-se que às línguas não falta nenhum significante. Deduz-se logicamente disto, então, que se não é o caso de faltar um significante em uma língua de que se trata, se a falta não está lá já de saída porque algo falta ao código, então deve haver uma operação de linguagem que introduz a dimensão da falta.

É aí que Lacan torna sua posição mais precisa: a introdução da falta é referida justamente na dimensão que é subjetiva, e que se chama pergunta como tal, qual seja, o momento da formulação de uma suspensão que ataca o significante, pois

« De que se trata, no momento da pergunta ? - senão do recuo do sujeito com relação ao uso do próprio significante, e de sua incapacidade de captar o que quer dizer que haja palavras, que se fale, e que se designe determinada coisa tão próxima por este algo enigmático a que se chama uma palavra ou fonema.

A incapacidade sentida nesse momento pela criança é formulada na pergunta, que ataca o significante como tal, no momento em que sua ação já está marcada em tudo, é indelével. » (Lacan, 19/04/1961 : 237)

Os exemplos fornecidos por Lacan, para ilustrar este momento em que a dimensão da falta é introduzida, pela suspensão de uma pretensa naturalidade do significante, são aqueles momentos em que uma criança faz perguntas (nada) óbvias como *O que é um imbecil ?* Tais momentos são especialmente impregnantes, pois acabam por levá-la a perguntar *O que sou eu ?*, que, uma vez não sendo respondida por um conformista *Eu sou uma criança*, inicia uma dialética com o Outro que responde *Deixa-te ser*.

É evidente que essa resposta é opaca, e que não fornece ao sujeito nenhuma certeza à qual agarrar-se de maneira confortável. E é justamente por esta ausência de garantia do lugar do Outro, que nega um significante que viesse petrificar o sujeito em sua posição atual, que o sujeito escuta deste o *Que queres ?* que o induz a tentar saber sobre o objeto causa do desejo, formulando a pergunta. É neste ponto preciso que o • • comparece, lançando o sujeito na dimensão da falta, porque o objeto que o sujeito poderia propor como respondendo ao enigma do *Que queres ?*, conforme articula Freud com a noção de princípio do prazer, não é jamais reencontrado, lançado o sujeito em sua busca eterna. Lacan conclui disso, então, que o objeto causa do desejo inconsciente deve ser localizado no ponto mais radical em que se coloca a questão do sujeito quanto à sua relação com o significante.

Ou seja, a dimensão da pergunta, por suspender por um instante-relâmpago a alienação do sujeito ao significante, tem estreita relação com o comparecimento do desejo como tal. O exame do material de Cláudio, entretanto, mostra que ele teve que

ser induzido a uma saída para fora do discurso comum e para dentro de um *instante de ver*. Nesta indução, como se pode ver abaixo, teve papel fundamental a questão, mais precisamente, que ela viesse da orientadora, produzindo um deslocamento do *discours-courrant*, do disco que gira sem que a agulha se desloque do lugar, para que se entre na dança dos quadrípedes na qual o sujeito encara o Outro a quem se aliena e vem a poder, por meio de rotações sucessivas, transformar sua relação com sua própria palavra, que, cada vez mais, merece o nome de « sua ».

É interessante, então, mesmo sem poder desenvolver aqui a introdução da temporalidade na estruturação subjetiva, trazer ao menos um apontamento a respeito do desenvolvimento de Lacan sobre o tempo lógico,¹³ instâncias nas quais a modulação do tempo é diferente. Trata-se de :

1) **o instante do olhar** : momento de uma exclusão lógica realizada pelo sujeito, com base nos dados sobre um determinado problema, que são anteriores à formulação de sua própria questão. Neste momento, prevalece uma formulação de uma hipótese, formulada nos termos de um «sabe-se que», que permita ao sujeito orientar-se em relação a uma subjetivação do problema, induzindo uma forma que no segundo momento se cristaliza em hipótese autêntica;

2) **o tempo para compreender** : um tempo de meditação, no qual o sujeito objetiva alguma coisa a mais do que os dados do fato. É pelo que vê de seus semelhantes, na sincronia de sua questão, que ele pode deduzir sua cifra que, de outro modo, permanece inacessível ;

3) **o momento de concluir** : tempo no qual o sujeito conclui um movimento lógico na decisão de um julgamento, fazendo uma asserção sobre si. Há aí uma urgência do movimento lógico em que o sujeito precipita ao mesmo tempo seu julgamento e sua partida.

Mas, trata-se de ver o quê ? Que para além do sentido linear, resta a materialidade significante. Tal passagem é estritamente ligada à possibilidade do comparecimento de algo novo na formação do professor de língua materna, pois o desejo só vige no intervalo entre dois significantes, já que o desejo é metonímia. Dentro desta perspectiva, sua produção acadêmica (que como qualquer produção do processo secundário é sempre alienada) é trabalhada no estatuto de metáfora do saber inconsciente. Em outras palavras : é justamente o momento metafórico que atualiza o instante da separação do sujeito do campo do discurso do Outro que eu estou chamando de novo. Além de ser falado, eis que ele fala ! Tal processo só é possível pois

« ce premier couplage signifiant (...) nous permet de concevoir que le sujet apparaît d'abord dans l'Autre, en tant que le premier signifiant, le signifiant unaire, surgit au champ de l'Autre, et qu'il représente le sujet, pour un autre signifiant, lequel autre signifiant a pour effet l'aphanisis du sujet. D'ou, division

¹³ LACAN, J- (1945) Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. Un nouveau sophisme. *Écrits*. Op. cit. 197- 213.

du sujet - lorsque le sujet apparaît quelque part comme sens, ailleurs il se manifeste comme fading, comme dispariton.» (03/06/1964 :243)¹⁴

Cláudio escolheu (?) o tema de seu trabalho menos por sua inserção no curso de Letras e mais por suas inserções prévias: o interesse pela música vem pelas suas tentativas de compô-las, enquanto o interesse pela alienação vem de sua história de trabalhador e do envolvimento com o movimento sindical. Dizer isso, porém, é muito pouco, pois a análise deixou entrever que a alienação dizia respeito a Cláudio enquanto referida ao seu ser: sua queixa insistente é: quando a oportunidade para tal se apresenta, eu não falo, ou falo apenas coisas que não me satisfazem como sujeito.

Ou seja: no fundo, trata-se de uma outra maneira de dizer: a mim o significante falta, faltam as palavras, justamente na medida em que a elas eu estou alienado, em *fading*. Essa dimensão não escapa a Cláudio, que percebe que a alienação relaciona-se a um projeto de tamponar o horror que o real causaria. Tal indicação, entretanto, não aparece em seu trabalho propriamente dito, mas no dossiê com o qual me presenteou para fins da realização da pesquisa. Junto de seus diversos rascunhos, ele anexa um recorte de artigo publicado em *O falares*,¹⁵ onde consta o seguinte excerto: « *O homem ocidental criou horror ao silêncio (ao contrário dos orientais que o respeitam e o valorizam) E em decorrência disto, passa todo instante fugindo dele, procurando assim preencher o vazio existencial que permeia toda sociedade em que vive e compacta.* ». O trecho negrito foi circulado por Cláudio, que acrescentou, no fim de uma flecha que partia do círculo: **ALIENAÇÃO**.

Esse pequeno círculo importa, porque nele se vê um trabalho de Cláudio: o autor do texto não propôs seu conteúdo como sendo o conceito de alienação, aliás, a palavra alienação sequer aparece naquele texto, trata-se, então, da maneira como Cláudio entende o problema: é disso que ele quer falar, daquilo que vem tamponar o real com palavras que permitem que ele fuja ao horror. Ele conclui que seu trabalho « *visou esclarecer a quem de alguma maneira interessar, os efeitos que a linguagem pode ter, quando utilizada de forma à alienar as pessoas, que conscientes ou não, passam à caracterizá-la como símbolo único...* ».

Deixando de lado uma certa imprecisão terminológica em sua formulação, impressiona-me como, de uma maneira ou outra, ele formula uma interrogação sobre as razões que levam um sujeito à reprodução dos signos. Falar que a alienação é ver os significantes como « um símbolo único » não é justamente apontar que é na quebra do sentido que algo tinha para um sujeito que é possível deixar-se atravessar pelo novo? Sua visada, portanto, é mais aquela que vai pela via da linguagem do que a que iria pela da ideologia, como poderia parecer à primeira vista.

¹⁴ Ou, na tradução brasileira: « *(O) primeiro acasalamento significativo (...) nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significativo, o significativo unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significativo, o qual outro significativo tem por efeito a afânise do sujeito. Donde, divisão do sujeito - quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como fading, como desaparecimento.* » (03/06/1964 : 207)

¹⁵ Especificamente: TELCHMANN, M.L.- A música como forma de dominação. In: *O Falares*. Porto Alegre: Gráfica da URGs, 1992.

É nesse sentido que sua « cola » às palavras da orientadora se ressignifica, pois, se, por um lado, confirmam uma tendência à alienação ; por outro, é por via dessa alienação que uma interrogação sobre o significante se coloca de uma outra maneira para esse sujeito, já que, ao tentar atender às exigências da orientadora, colocadas em termos de um certo « rigor científico », Cláudio é obrigado a descolar-se de alguns significantes, suspendendo provisoriamente seu sentido, ou seja, suspendendo por um tempo-relâmpago, precisamente, a alienação.

É lógico, entretanto, que, num segundo tempo, esse sentido « sempre já-lá » é substituído por um outro sentido, que, por sua vez, faz com que o sujeito caia novamente na alienação. Só que, entre um tempo e outro, vigora o pequeno intervalo desconfortável que propicia deslocamentos, tanto do sentido quanto da posição do sujeito : o cortante intervalo do ponto de interrogação. Esse ponto é mesmo reconhecido por Cláudio, que, na conclusão de seu trabalho, inclui o seguinte comentário :

« Quando comecei meu trabalho, foi como um desafio achar as relações entre linguagem, alienação e música sertaneja. A escolha do problema aqui apresentado veio de uma dúvida pessoal. (...) No decorrer do estudo um caminho incerto foi trilhado, pois cada passo sugeria um novo conceito e este, uma nova visão do problema... » (Da conclusão da monografia de Cláudio.)

A primeira coisa a ser pontuada aí é que o texto declara que foi justamente um estado de « *dúvida pessoal* » - portanto, já um estado de haver uma interrogação prévia sobre algo - que induziu a escolha do tema. Penso ser possível sustentar que dificilmente, entretanto, tal « *dúvida pessoal* » teria sido transformada em trabalho se, do lado do Outro, não tivesse partido uma demanda : escolha qualquer tema de seu interesse e venha falar comigo ; vamos lá, você vai ver que isso vai dar alguma coisa, desde que a gente redefina alguns conceitos, localize alguns pontos de amarração de seu trabalho.

O que introduziu o *caminho incerto* ? E de qual incerteza se trata ? Basicamente, da incerteza trazida pelo fato de que o caminho a ser *trilhado* não existia antes de seu percurso, sendo que, neste caso, o trilhamento do caminho é absolutamente idêntico ao seu advento, já que o caminho não existia antes, e depois que passou a existir, jamais pôde ser trilhado outra vez. Não é difícil notar que, antes mesmo de que por tal caminho se construísse uma produção sustentada por uma visada universitária, houve um primeiro momento de entrada do sujeito em uma certa ordem que se relacionava com a formação de conceitos, *pois cada passo sugeria um novo conceito*, ou seja, lançava novos significantes em direção a um certo campo do saber, em relação ao qual havia uma intenção de trilhamento, e, resultante desta operação, surgia *uma nova visão do problema*, já que um sujeito havia ali sido produzido para suportar essa visão.

É interessante ainda investigar a origem da exigência de que Cláudio sáísse do nível do discurso corrente e trabalhasse no registro do conceito, de fato, exigência fundamental para o engajamento no início do processo. Veio da boca de sua orientadora, que retira do texto de Cláudio alguns elementos ali colocados de maneira não problematizada e, por meio de sua questão, alça-os ao estatuto de conceitos. Veja-se

como tal se deu, observando no recorte abaixo, a incidência da questão do professor no texto do aluno :

- **1ª escrita do professor** : não consta.
- **2ª escrita do professor** : *O que é (linguagem alienante) ? O que é (classe social) ? Como diferenciar a (cultura letrada) ? O que é(boa qualidade) ? O que é (classe dominante) ?*
- **3ª escrita do professor** : *Conceituar. Qual formação (ideológica) ? Quais alunos ? E que mudanças isto causaria ? O que é liberalismo ?*
- **4ª escrita do professor** : *Quantas músicas você vai analisar ? Quais ? Onde estão as letras ? O que pretende verificar nelas ? Qual o critério de escolha delas ? Quanto tempo (as estações de rádio) dedicam a este tipo de música ?*
- **5ª escrita do professor** : *Qual é o conceito técnico de alienação ? é plural ou singular ? (dar asas a sua criatividade) com penas e tudo ? ! quem tem este propósito (de diminuir ainda mais a capacidade de reflexão) ? qual (linguagem)? que eles ? e que ideologia é essa ? o que é ideologia ? qual linguagem poética ? o que é (desnaturalizar a ideologia) ? qual a diferença entre o que tem ou não função cultural ?*
- **6ª escrita do professor** : *(Numa brincadeira, irritada pelo fato de o aluno escrever, durante todo o ano, musica sem acento) Escreva 2.0550 vezes MÚSICA. Ou é outra coisa aquilo que você canta tão bem ? !*
- **7ª escrita do professor** : não constam questões.
- **8ª escrita do professor** : *e qual é o tema ?*
- **9ª escrita do professor** : *(para minha grande e quase insuportável surpresa, comento a respeito da análise da música na qual ele menciona **paixão e desejo**) Imagine quantos casamentos precoces (15,16 anos) acabam saindo de uma atração física ?)*
- **10ª escrita do professor** : *(caracterizam a idéia de cotidiano) por que ? explique melhor ?*

Mesmo havendo variações em relação ao estatuto das questões que vêm do professor (isso sem levar em consideração as outras tantas que devem ter sido levantadas em aula), elas têm em comum o fato de que, ao exemplo da pergunta da criança « *o que é um imbecil ?* », ter a potência de tirar aquele que as escuta de seu lugar no muro da linguagem, da ilusão do compartilhamento dos sentidos. Justamente por julgar que os sentidos são compartilhados, eles se perpetuam.

Adquire relevo, então, o seguinte acontecimento, no qual o mal-entendido salienta-se. Na versão semi-final de seu trabalho, fazendo a análise de músicas, que havia sido tantas vezes protelada, Cláudio escreve a respeito da letra *Cotidiano*, escrita por Chico Buarque de Hollanda : « *Nas linhas (10 e 11)¹⁶ a duvida do locutor está na possível*

¹⁶ « *Todo dia eu só penso em poder parar
meio dia eu só penso em dizer não* »

*análise que faz da sua vida, e se esta vale a pena ser vivida a dois,*¹⁷ *retornando a realidade novamente nas linhas (12 e 13).»*¹⁸

Tal interpretação não é aceita pela professora, que « responde » escrevendo no trabalho : *Não sei, Cláudio, para mim a questão é se o emprego deve ser mantido ou não, e a vontade é parar de trabalhar - dizer não ao patrão. Ele não o faz porque deve sustentar a família. Releia e veja se concorda.* Não há ponto de interrogação explícito desta vez, no texto da professora, como se viu ter sido o padrão anterior. Desta vez, retorna ao aluno uma informação clara de « *para mim a questão é Outra.* ». Na prática, o resultado em termos do trabalho é que o aluno aceita a dúvida da professora e, na versão final do trabalho, apresenta uma análise, digamos, « mais razoável », ou seja, escreve o que foi dito para ele que era para ser escrito, isto é : « *Nas linhas 10 e 11 a dúvida do locutor está na possível análise que faz da sua vida, analisando se o emprego deve ser mantido ou não, retornando a sua realidade novamente nas linhas 12 e 13.* ».

É esta aparente « submissão » que pode levar a pensar que este ponto específico resumiu-se em uma mera aceitação da « leitura correta » fornecida por seu representante institucional, porém, a invulgar incisividade com a qual aí a frase « errada » é riscada para fora do rascunho deixa entrever que ela convocou muita reflexão/tentativa de elaboração, pois, se o apagamento tivesse incidido apenas sobre um « erro », do qual o aluno se envergonhava, o mais provável seria pensar que outros erros também teriam sido apagados, o que em nenhum lugar aconteceu. Os « erros » todos (de gramática, ortografia e, mesmo, compreensão) comparecem « sem maquiagem » no dossiê preparado por Cláudio. É justamente o fato de esse ter sido o único « erro » sobre o qual incidiu uma tentativa de apagamento que permite sustentar que não se tratou de um erro, mas, propriamente falando, de um lapso de leitura.

Ou seja : quanto a vida, *vale a pena ser vivida a dois ?* é a questão que causa e perpassa a produção de Cláudio. Isto porque ele percebe que entre homem e mulher não há conjunção, mas, ao invés disso - como o que ele atribui estar descrito na letra de Chico Buarque - há « *vida entre um homem e uma mulher.* ». Vale dizer, Cláudio percebe, no fim das contas, que a vida se constrói e se sustenta justamente sobre a falta, no puro registro do objeto *a* que, sem sentido, causa desejo.

É por isso que, para ele, a investigação sobre a alienação vai passar justamente pelo registro do amor. Quando descreve os passos que teve que dar para investigá-lo, ele diz :

« O próximo passo foi a análise de três músicas distintas em sua linguagem, porém tratando basicamente de um tema amoroso. A primeira (Tristeza do Jeca), fala de amor ressaltando os problemas sociais do homem rural. A segunda (Pensando em Minha Amada), fala do amor perfeito (como se ele existisse), e a última (Cotidiano), fala de amor real e da relação entre duas pessoas no seu dia-a-dia. »

¹⁷ O trecho em negrito foi quase que completamente rasurado (censurado ?) da cópia xerox, embora seja possível lê-lo sob os implacáveis riscos da caneta.

¹⁸ « *depois penso na vida pra levar e me calo com a boca de feijão.* »

O que se destaca do excerto acima é que a música que é utilizada mais especificamente para tematizar a alienação - embora Cláudio termine seu trabalho por reconhecer que sempre que há produção linguageira há alienação, e não só nas produções da cultura de massa - trata o amor em sua faceta ideal, apresentando um ponto de miragem que não existe, enquanto a música que é apresentada por ele como sendo um exemplar de música mais elaborada toca algo do real. Se, por um lado, o « real » ao qual ele se refere aí tem a ver com a realidade, com o cotidiano, o seu lapso de leitura deixa entrever que ele aponta também para o real que a questão « quanto a vida, vale a pena ser vivida a dois ? » tem para o sujeito, uma vez que, mesmo que ela o guie, é desconhecida para ele.

Inclusive, há amor, mesmo quando isso não tem nada a ver a prática das relações sexuais, a se julgar pelo amor que sustentou a produção de Cláudio e o conduziu a uma posição na qual « *A universidade, o curso de Letras são como um renascimento, seja na maneira de escrever, seja na compreensão das coisas (uma nova visão, fora do senso comum).* » A visão « nova » de que se trata aí, longe de ser uma visão conforme o discurso universitário, como poderia parecer, e que de fato permeia toda a escrita de Cláudio, é uma visão do sujeito, já que este, como ensina Lacan, é olhar. Para fora do senso comum, do blá-blá-blá do discurso corrente, um enlaçamento social que, ao provocar deslocamentos sucessivos, provoca em mim « *uma nova visão* », um « *renascimento* ». Que visão nova seria esta senão aquela que, progressivamente, ao se repetir no trilhamento a cada nova tentativa de produção de um sujeito, desnuda um estilo e deixa ver singularidade ?

Um olhar que muda de acordo com a modulação do tempo e que muda minha própria posição com ele, qual seja :

- 1) Instante de olhar : Sabe-se que há alienação quando se apresenta um registro idílico ;
- 2) Tempo para compreender : O personagem da música Cotidiano, com quem me identifico, pergunta-se se a vida vale a pena ser vivida a dois ; e
- 3) Momento de concluir : Assim sendo, esta questão também é minha, mas eu não quero saber de nada disso. Aliás, minha tarefa é apenas terminar um trabalho para a faculdade, só isso. Com o que eu não contava é que fosse surgir esse desejo de ensinar.

Importante é frisar, então, que, se o registro da pergunta entra pela boca do outro, não permanece nessa posição muito tempo, porque, incidindo sobre o sujeito, faz com que ele também porte a questão.

3 - MOMENTO DE CONCLUIR ?

« *O fálus é o nome próprio do zero.* » (Leclaire, 1968: 148)

Para além de achar respostas inéditas, a singularidade só pode se inscrever na pesquisa universitária quando, num movimento de reversão, o pesquisador sempre desiste das respostas que já encontrou e construiu, e continua falando, fazendo com que a dimensão da falta de um significante, que daria a resposta última, sempre volte a não

se escrever. Em relação a seus pares, ambos os lados (orientador e orientando) coçam as cabeças a perguntar « *o que ele quer ?* », é só assim que a coisa anda : quando, de novo, se volta ao ponto zero.

É importante mostrar que na « singularidade » de que se trata aí há um paradoxo, pois, como esta é referida ao agenciamento do desejo, aponta para a relação do sujeito ao Outro, pois desejo é sempre desejo do Outro. A possibilidade de que vigore singularidade, entretanto, está justamente referida à inconsistência desse desejo do Outro, campo no qual também há uma falta. Penso ser neste sentido que se afirma, na Psicanálise: não são as palavras, um conhecimento teórico, que são passíveis de serem transmitidas, mas uma falta-a-ser que, transparecendo no campo do Outro, também do lado do sujeito, convoca desejo.

Ou seja, a possibilidade da emergência da singularidade na pesquisa universitária em nada se relaciona com os esforços conscientes feitos por alguém que desejasse ser original. Muito menos relaciona-se com um caminho de excentricidade (sou diferente de todos) e, ainda menos, com a posição do franco-atirador que denega qualquer filiação simbólica.

O que eu estou afirmando é que a emergência de qualquer singularidade só pode se dar pelo caminho de uma memoração : Freud e Lacan comem as uvas, para retomar a metáfora da qual já lancei mão, e, um belo dia, sou eu que acordo com um caroço engastado entre os dentes, sem que eu tenha a mais pálida idéia de como ele foi se alojar lá. Passa-se de um estado de « não estar entendendo nada » para outro mais curioso : o de escreva de letras que se transmitem a cada geração e circunscrevem o desejo referido à existência de uma contingência corporal : em meu corpo de mulher (como no de cada uma), algo não se completa, há falta.

Neste momento, recorro a Leclaire (op.cit), quando este reforça as palavras de Lacan de que a castração é, em primeiro lugar, encontrada no Outro, no momento em que, nos dirigindo a essa instância, percebemos sua inconsistência. É por essa percepção que continuamos falando, e disto sofrendo as conseqüências, pois falando « *cada um testemunha ou afirma ao outro a sua maneira singular de ser em relação a falta, porquanto falando de seus prazeres, cada um manifesta seus modos de fixação, isto é, suas relações singulares com uma realização do zero.* » (p.147)

As palavras são as mesmas para todos, e também são as mesmas as letras a fixá-las, mas é o tamanho de meu fôlego, a resistência de minhas nádegas, e o vigor de minha persistência (só para dar alguns exemplos) que fazem toda diferença na maneira de arranjá-las, que compõem o meu estilo. A uma condição : que, em relação ao meu semelhante, eu faça quase tudo, menos imitá-lo ; eu me proponha a quase tudo, menos a ser o simulacro de sua voz.

Não é de uma questão de voz aquilo do que se trata aí, mas de que, para além daquela voz que me cativa e convoca em (doces) palavras, há escrita. Do que se conclui que é **a inscrição do ponto de interrogação, como modo de operação naquele que é formado, é correlata à transmissão da letra com a qual se escreve a área de formação.**

Gostaria de pontuar, ainda, uma questão curiosa : na linguagem, nossa mensagem nos vem do Outro, sob uma forma invertida. Esse princípio, da pena de Lacan e

retomado pelo próprio na abertura dos *Escritos*, faz com que ele a levante : se tudo que o nosso semelhante faz é ser o lugar de retorno de nosso discurso, então, « *para que lho endereçar ?* » (p. 14). É apenas em outro texto (Lacan 1956-57), entretanto, que a questão fica esclarecida : a palavra está, em sua origem, no Outro. Dessa alocação original, pode se articular ou permanecer letra morta, instaurando uma relação não realizada, uma singularidade jamais tornada visível, um saber que ficará para sempre não-sabido.

Isto porque, a exemplo da palavra, também « *o saber está no Outro (...) ele não deve nada ao ser, a não ser que este tenha veiculado sua letra.* » (Lacan, 20/03/1973 :131). Inferimos facilmente, desta afirmação que é pela letra (comparada ao gérmen que se inscreve nos corpos que passam - a partir disso - a levar seus traços na sexuação) que se acha no Outro que se constrói um estilo. Dupla castração, portanto : a do Outro, que « permite » a invasão exploradora de quem procura a letra, e a do sujeito, que « sabe » que é falando (e não copiando o já-falado) que ele deve procurar as respostas para suas questões.

Mas, e quanto a Cláudio, em seu esforço insistente em bem-dizer sobre a alienação veiculada pelos meios de comunicação de massa, terá ele ido tão longe quanto possível naquilo que de novo se pode dizer sobre o assunto ? Terá ele chegado ao ponto de encontrar uma filiação teórica de maneira a enganchar-se de maneira mais consistente ? Com certeza, não. Que coisa ! É verdade, então, o que corre à boca pequena veiculado por maledicentes: fazer valer a singularidade na pesquisa no interior da universidade é mesmo impossível. Rejubilem-se, oh, más-línguas !

Quanto a mim, não é isso que importa : o que importa é que sua relação pacífica com o significante nunca mais foi a mesma, envenenada que estava pela introdução da questão, subvertida que ficou pela inscrição de algo da ordem do desejo. A seu modo, é lógico. Renovo, então, o convite : colegas formadores de professores, em fila, cada um em seu lugar, lutemos pela ... Causa perdida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOLTO, F. Préface. In: MANONNI, M. *Le premier rendez-vous avec le psychanalyste*. Paris: Éditions Denoël/Gonthier, 1965. Pp. 5-49.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1966. pp 34-62.
- LACAN, J. (1945) Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. Un nouveau sophisme. *Écrits*. Op, cit. 197- 213.
- _____. (1956) Seminário sobre A Carta Roubada. In : *Escritos*. São Paulo : Perspectiva, 1978. Pp-17-67.
- _____. (1957) A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In : *Escritos*. São Paulo : Perspectiva, 1978. Pp-223-273.
- _____. (1956-1957) *O Seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1960-1961) *O Seminário. Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. (1964) *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1969-1970) *O Seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1971) *D'un discours qui ne serait pas du semblant. Séminaire 1971*. Publication hors commerce. pp. 113-126.

_____. (1972-1973) *O Seminário. Livro 20. Mais. Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACLAIRE, S. (1968) *Psicanalisar*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MACHADO DE ASSIS. O Cônego ou a metafísica do estilo. In: *Machado de Assis. Obra completa em três volumes*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. pp. 570-573.

REGNAULT, F. *Conférences d'esthétique lacanienne*. Paris: Agalma, 1997.

RIOLFI, C.R. *O Discurso que sustenta a prática pedagógica*. Formação de professor de língua materna. IEL, Unicamp, 1999.